



**GT2. Impacto da crise econômica global nas Américas**  
**30 agosto - 1 setembro, 2012. Cidade do Panamá, Panamá**

## **O impacto da crise econômica mundial sobre as Américas: O Efeito China<sup>1</sup>**

**Otton Solís Fallas**

*No final de 2008 e durante 2009 a economia mundial passou por uma séria crise e freou, um tanto repentinamente, a grande expansão econômica vivenciada desde o ano 2003. As principais economias da região ao sul do Rio Grande (rio da região fronteira entre Estados Unidos e México) aproveitaram o crescimento da economia mundial por meio dos mercados de exportação.*

*A crise que continuou afetando as economias mais desenvolvidas foi superada pela região com grande êxito. Foram implementadas medidas fiscais e monetárias contracíclicas que contribuíram para mitigar a crise.*

*A avaliação geral é a de que a América Latina vem tendo um desempenho aceitável nesse início de século. Essa afirmação pode ser comprovada pelos seguintes fatores: as relativamente altas taxas de crescimento nos anos que precederam a crise e a rápida superação da mesma; redução da inflação; equilíbrio e até mesmo superávit da balança comercial; acúmulo de reservas internacionais; e redução do desemprego, da desigualdade e da pobreza.<sup>2</sup>*

*A maioria dos analistas que se interessam pelo futuro da região concordam em afirmar que esse desempenho positivo se deve à aplicação de medidas macroeconômicas e estruturais implementadas pelo chamado Consenso de Washington. Mesmo assim, conforme sugerimos no texto, a aplicação dessas medidas é insuficiente. Tanto os países que se identificam com esse tipo de medida como os mais propensos a adotar uma nova forma de estadismo, rejeitando a globalização embasada na liberalização dos mercados, têm apresentado desempenho satisfatório.*

*Portanto, para melhor compreender as conquistas das economias da região é necessário analisar outros fatores. No escopo dessa apresentação, o principal desses fatores é a crescente presença da economia chinesa, operando como compradora de bens da região, especialmente de bens primários.*

*Na parte final da apresentação vamos considerar os possíveis perigos ligados à exportação de bens primários, característica da intensificação das relações comerciais com a China.*

### **O impacto da crise na América ao sul do Rio Grande**

A crise econômica que começou a se manifestar em 2008 em algumas das principais economias do planeta foi a mais grave desde a grande recessão dos anos 30. A crise teve diferentes impactos sobre as economias da região. Todos os países haviam desfrutado dos benefícios do ciclo de crescimento rápido que teve início por todo o mundo no ano 2003 e que perdurou até 2008. Salvo países como Chile que cresceu a taxas médias de 7% ao ano nas últimas décadas do século 20, a região não apresentava um crescimento satisfatório e contínuo por um período de cinco anos desde o período entre os anos 50 e 80,

<sup>1</sup> Preparado por Otton Solís para apresentação durante a sessão do ParlAméricas na Cidade do Panamá no período de 30 de agosto a 1 de setembro de 2012.

<sup>2</sup> Há quem, por excesso de otimismo, tenha se referido a essa primeira década do século 21 como a "A década da América Latina". Veja, por exemplo, o InterAmerican Dialogue 2012, p. 3.

época em que os países se beneficiaram com a prosperidade mundial do período pós-guerra e com as políticas de industrialização que substituíram as de importação.

Observe na Tabela 2 que em alguns dos anos que antecederam a crise as taxas de crescimento do PIB apresentaram aumentos superiores a 7% nas três regiões selecionadas. Da mesma forma, houve uma tendência de queda das taxas de desemprego.

**Tabela 1: PIB e desemprego na América Latina 2001-2011<sup>3</sup>**

	Ano	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11
Am. Lat. <sup>a</sup>	Δ PIB	0.7	-0.8	2.5	7.3	6.2	6.7	6.8	5.1	-0.9	5.9	5.7
	Desemp	11.7	12,5	12.4	11.3	10.1	9.0	8.2	7.9	9.0	8.4	7.8
A. Centr. + Rep. Dom. <sup>b</sup>	Δ PIB	1.9	3.2	3.1	4.0	5.9	7,1	7,1	4.4	0.2	4.8	4.0
	Desemp	8.2	8.4	8.6	8,5	8.0	7,1	6.4	6.0	n/d	n/d	n/d
Caribe <sup>c</sup>	Δ PIB	1.3	2.9	4.6	2.7	3.8	6.6	2.8	0.7	-3.3	-0.4	n/d

<sup>a</sup> Economias que geram 93% do PIB regional (Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, México, Peru e Venezuela)

<sup>b</sup> América Central e República Dominicana

<sup>c</sup> Bahamas, Barbados, Haiti, Jamaica e Trinidad & Tobago

A Tabela 1 mostra que nos países com as maiores economias (Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, México, Peru e Venezuela) e que juntos representam 93% do PIB regional, o PIB apresentou recuperação do ritmo de crescimento após apenas um ano de retrocesso—2009. As taxas médias, de aproximadamente 6%, nos anos 2010 e 2011 foram na verdade superiores às normalmente apresentadas por esse grupo de países nas últimas décadas. Vale ressaltar que a experiência destes países não reflete as dificuldades que continuam a ser enfrentadas pela União Europeia, Estados Unidos e Japão para sair da crise. As principais economias da América Latina não só se isolaram da crise que continua em andamento no mundo desenvolvido como também prolongaram a duração de seu ciclo de crescimento.

No caso da América Central e República Dominicana, especialmente do grupo de países do Caribe incluídos na Tabela 2, a recuperação pós-crise foi menos satisfatória, ainda que depois de 2009 a América Central pareça ter recuperado as taxas históricas de crescimento de aproximadamente 4% ao ano.

## **Causas do leve impacto da crise nas principais economias da Região**

### *a) O papel das reformas estruturais pró-globalização*

Desde 2003 ficou evidente que a maioria das economias da Região estava crescendo a um ritmo mais acelerado que o normal (talvez a única exceção sendo o Chile que vinha apresentando taxas médias de crescimento superiores a 6% desde os anos 80). A principal explicação para essa boa experiência, bem como para a efetiva superação da crise por boa parte dos países, tem por base as reformas estruturais macroeconômicas, aplicadas em resposta ao esgotamento do modelo "cepalino" de industrialização que substituiu a política de importação. Por exemplo, um estudo da OCDE e da CEPAL determinou que "A América Latina e o Caribe... resistiram melhor os efeitos da crise econômica e financeira graças a uma gestão macroeconômica responsável e às reformas estruturais realizadas nos últimos anos"<sup>4</sup>.

Essa explicação se refere a reformas do tipo Consenso de Washington, orientadas implantar medidas para abrir as economias, privatizar as empresas estatais, simplificar os trâmites, melhorar os direitos de propriedade, liberalizar os preços e enxugar as finanças públicas entre outras.

<sup>3</sup> Banco Interamericano de Desenvolvimento, "Latin American and Caribbean Macro Watch Data Tool", <http://www.iadb.org/en/research-and-data/statistics-and-databases,3161.html>.

<sup>4</sup> CEPAL e OECD, pág. 7.

É difícil agrupar os países segundo suas ideologias. Isso pelo fato de algumas políticas econômicas e alguns ajustes de natureza estrutural não apresentaram resultados no curto prazo. Alguns países que na última década foram governados por ideologias centro-esquerda poderiam estar desfrutando de uma situação econômica favorável não necessariamente em função das reformas implementadas durante sua administração mas por reformas adotadas por governos anteriores, os quais poderiam ter se identificado com as diretrizes do Consenso de Washington. Dessa forma, nem sempre é correto atribuir resultados econômicos de curto prazo ao governo atual.

Mesmo assim, tanto os organismos financeiros internacionais como outros setores que se identificaram com a ideologia do Consenso de Washington atribuíram o bom desempenho econômico vivenciado pelos países da Região durante o pré e pós-crise aos ajustes estruturais e à política econômica por eles promovida<sup>5</sup> cabendo aqui fazer essa comparação.

A Tabela 2 inclui as taxas de crescimento do PIB a partir de 2003, e os países estão agrupados conforme o nível de adoção de políticas macroeconômicas e estruturais resultantes do Consenso de Washington (CW) ou da identificação do país com a esquerda econômica que forma a ALBA. Cinco países formam o CW: Colômbia, Chile, México, El Salvador e Costa Rica. A ALBA também é formada por cinco países: Equador, Nicarágua, Venezuela, Argentina e Bolívia.

Observe que é possível concluir que o sucesso no enfrentamento da crise não está relacionado ao grau de adoção das reformas do Consenso de Washington. Pelo contrário, parece que o desempenho econômico (ao menos no tocante ao crescimento do PIB) dos países da região durante o período (antes, durante e depois da crise) foi melhor no grupo ALBA que no grupo mais identificado com o Consenso de Washington.

**Tabela 2: Comportamento do PIB em relação à Ideologia Econômica<sup>6</sup>**

Ano País	03	04	05	06	07	08	Média 03-08	09 Crise	10	11	Média 10&11
Colômbia	3.9	5.3	4.7	6.7	6.9	3.5	5.2	1.7	4	5.9	5
Chile	3.9	6	4.3	5.7	5.2	3.3	4.7	-1	6.1	6	6.1
México	1.4	4.1	3.2	5.2	3.3	1.2	3.1	-6.2	5,5	3.9	4.7
El Salvador	2.3	1.9	3.6	3.9	3.8	1.3	2.8	-3.1	1.4	1.5	1.5
Costa Rica	6.4	4.3	5.9	8.8	7.9	2.7	6	-1	4.7	4.2	4.5
<b>Média CW</b>	<b>3.6</b>	<b>4.3</b>	<b>4.3</b>	<b>6.1</b>	<b>5.4</b>	<b>2.4</b>	<b>4.4</b>	<b>-1.9</b>	<b>4.3</b>	<b>4.3</b>	<b>4.3</b>
Brasil	1.1	5.7	3.2	4	6.1	5.2	4.2	-0.3	7.5	2.7	5.1
<b>Média ALBA</b>	<b>1.9</b>	<b>9,1</b>	<b>6.8</b>	<b>6.4</b>	<b>5,5</b>	<b>5.6</b>	<b>5.9</b>	<b>0</b>	<b>4</b>	<b>5,5</b>	<b>4.8</b>
Equador	3.3	8.8	5.7	4.8	2	7.2	5.3	0.4	3.6	4.8	4.2
Nicarágua	2.5	5.3	4.3	4.2	3.6	2.8	3.8	-1.5	4.5	4.7	4.6
Venezuela	-7.8	18,3	10.3	9.9	8.8	5.3	7.5	-3.2	-1.5	4.2	1.4
Argentina	8.8	9	9.2	8,5	8.7	6.8	8,5	0.9	9.2	8.9	9,1
Bolívia	2.7	4.2	4.4	4.8	4.6	6.1	4.5	3.4	4.1	5.1	4.6

#### b) O Efeito China

Os dados anteriores indicam que é necessário encontrar outros fatores para compreender o pequeno impacto e a rápida superação, ainda que parcial, da crise nas principais economias da Região.

Para isso, é necessário lembrar que o aumento, ainda que pequeno, das taxas de crescimento dos Estados Unidos, da União Europeia e do Japão nos seis anos anteriores a 2009 permitiram por si só

<sup>5</sup> Por exemplo, Didier, Hevia e Schumkler, 2011.

<sup>6</sup> Banco Mundial, "World Data Bank", <http://databank.worldbank.org/ddp/home.do>

que os países da região aumentassem suas exportações. Observe na Tabela 3 que as exportações da América Latina para a União Europeia e América do Norte aumentaram 242% e 148% respectivamente de 2001 a 2011. Anualmente, o total das exportações cresceu para 14.7% mesmo considerando a queda de 23% no período de 2008 a 2009.

**Tabela 3: Exportações da América Latina distribuídas por Regiões e países de destino<sup>7</sup>  
2002-2011\***

	2001	2008	2009	2011	Δ 01-11	Δ Anual
<b>União Europeia</b>	35,081	108,801	77,915	120,015	242,1%	13,1%
<b>América do Norte</b>	73,158	172,420	117,378	181,385	147,9%	9,5%
<b>Total</b>	190,653	609,638	470,320	749,983	293,4%	14,7%
<b>China</b>	4,898	44,086	47,589	87,345	1683,3%	33,4%

\* Milhões de dólares

A última linha da tabela inclui os valores correspondentes às exportações para a China. O crescimento que iniciou com uma base relativamente pequena em 2001—menos de 5 bilhões de dólares—cresceu 33,4% ao ano, chegando a 87.345 bilhões de dólares em 2011. O crescimento acumulado nestes 10 anos foi de 1,683%. É importante notar que mesmo durante o pior ano da crise as exportações cresceram cerca de 8%, valor abaixo da média do período mas ainda assim um alívio para muitos dos exportadores da região<sup>8</sup>.

Portanto, a crise evidenciou a crescente importância da China. As políticas anticíclicas adotadas pelo governo chinês funcionaram como um "contrapeso oportuno contra a recessão que enfrentavam os Estados Unidos e a Europa"<sup>9</sup>.

O extraordinário aumento das exportações para a China está relacionado ao crescimento acelerado visto em sua economia (Tabela 4).

**Tabela 4: PIB e desemprego na China  
2001-2011<sup>10</sup>**

	Ano	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11
<b>China</b>	<b>Δ PIB</b>	8.3	9,1	10.0	10.1	11.3	12.7	14.2	9.6	9.2	10.4	9,1
	<b>Desemp.</b>	3.6	4.0	4.3	4.2	4.2	4.1	4.0	n/d	4.3	4.2	4.3

Segundo a Tabela, pode-se concluir que o aumento da demanda mundial por produtos disponíveis na Região foi mais relevante do que as supostas reformas em favor do mercado, implementadas nos países latino-americanos; portanto, foi a força que permitiu que a maioria dos países ao sul do Rio Grande mitigassem o impacto da crise foi a disponibilidade desses produtos. Essa conclusão resulta do fato de que o melhor desempenho foi apresentado pelos países menos simpatizantes desse tipo de reforma e não pelos que adotaram as reformas. Se observarmos o comportamento das economias do Caribe e da América Central (Tabela 2) fica evidente que o crescimento apresentado durante o período sob análise e especialmente durante o período pós-crise não reflete o dinamismo dos demais países da região. No geral, a região da América Central e República Dominicana não dispõem dos recursos naturais nem das

<sup>7</sup> World Trade Organization, Statistics Data Base, <http://stat.wto.org/StatisticalProgram/WSDBViewData.aspx?Language=E>

<sup>8</sup> Vease Koleski, 2011.

<sup>9</sup> IDB 2010, pág. 7.

<sup>10</sup> Banco Mundial, "World Data Bank", <http://databank.worldbank.org/ddp/home.do>

matérias primas que interessam à China<sup>11</sup>, circunstância que reflete a evolução em Termos de Comércio com esta sub-região.

A Tabela 5 mostra que o índice dos Termos de Comércio destas economias acumulou queda de 15% de 2000 a 2011. Por outro lado, o índice de preços de exportação apresenta mudanças irregulares e de baixos valores. Isso é certo, especialmente ao compararmos os dados com os das sete maiores economias da região. A Tabela 9 mostra que nesse caso, o índice de preços das exportações triplicou em relação aos valores da Tabela 5. Por outro lado, as maiores economias apresentaram uma melhoria de 75 pontos nos Termos de Comércio durante o período.

Portanto, o impacto do dinamismo da economia chinesa foi inferior em termos de absorção das exportações da América Central e do Caribe, o que explica em parte o porquê destes países terem maiores dificuldades para sair da crise.

**Tabela 5: América Central e República Dominicana: Evolução do preço das exportações e dos Termos de Comércio**

Ano	Índice de preços de exportações	Índice de Termos de Comércio
2001	-8	-3.9
2002	-1.1	-0.9
2003	-0.4	-4.1
2004	4,9	-2.3
2005	5.4	-1.9
2006	3	-2.7
2007	4.1	-1.4
2008	6.8	-5
2009	-3.9	8.1
2010	6.1	-1.5
<b>Termos de Comércio Acumulado</b>		<b>-15</b>

### **Consequências para a estrutura de exportação: a *primarização***

Tendo em vista a crescente importância relativa do mercado chinês (Tabela 3) para as exportações regionais o perfil das exportações foi alterado, passando a favorecer a dos insumos<sup>12</sup>. Como se pode observar na Tabela 6, entre os anos 2000 e 2010 as exportações de bens primários provenientes do MERCOSUL e da Comunidade Andina aumentaram em 327% e 298%, respectivamente. Esses valores são substancialmente mais altos que os correspondentes para os bens manufaturados que tiveram aumento de 130% e 109%, respectivamente.

<sup>11</sup> Assim como afirma Koleski 2011: "Nos últimos dez anos, o comércio entre a China e a América Latina disparou dada a enorme demanda da China por novas fontes de recursos naturais e por mercados ainda não explorados pelas empresas e marcas chinesas. De 2000 a 2009, o comércio anual entre a China e os países latino-americanos cresceu mais de 1.200%, passando de 10 bilhões para 130 bilhões de dólares, segundo dados das Nações Unidas. Esse rápido crescimento levou a China a designar o Brasil, o México, a Argentina e a Venezuela parceiros estratégicos na região e a atingir a colocação de terceiro principal parceiro comercial da América Latina. Mesmo assim, o comércio geral com a China continua pequeno, aproximadamente um-quarto do total do comércio da região com os Estados Unidos e se concentrando amplamente nos países ricos em recursos naturais. Para as economias mais industrializadas da América Latina, especialmente na América Central, o comércio com a China tem sido menos benéfico uma vez que esta começa a concorrer com estes países nos âmbitos doméstico e internacional e em setores como o da indústria têxtil".

<sup>12</sup> Produtos agrícolas, minerais, combustíveis, madeira, frutos do mar, etc.

**Tabela 6: Evolução do perfil de exportações\* do MERCOSUL e da Comunidade Andina**

	Anos	2000	2010	Δ 00–10
<b>MERCOSUL**</b>	Primários	41.3	176,5	327 %
	Manufaturados	41.3	95.0	130 %
<b>Comunidade Andina***</b>	Primários	17,6	70.2	298%
	Manufaturados	5.1	10.6	109%

\*Bilhões de dólares

\*\*Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

\*\*\*Bolívia, Colômbia, Equador e Peru.

Fonte: OMC. 2012, Tabelas A30 e A31

Para identificar a forma mais específica de *primarização*, a Tabela 7 apresenta o perfil das exportações do Brasil para a China no período de 2009 e 2010 em relação às exportações feitas para os demais países do mundo. Durante esses dois anos, enquanto as exportações brasileiras de insumos à China aumentaram em 62,5%, as de bens manufaturados apresentaram queda de 15,4%<sup>13</sup>. No caso das vendas para os demais países do mundo, os insumos tiveram aumento de 32,5% e a de produtos manufaturados 24,1%. Esses dados mostram que a *primarização* do perfil de exportações está diretamente ligado ao tipo de demanda da China.

**Tabela 7: Evolução do perfil de exportações do Brasil para a China e para os demais países do mundo**

Ano		2009		2010		% de Mudança	
		China	Demais Países	China	Demais Países	China	Demais Países
<b>Primário</b>	<b>Valor*</b>	17,6	72,7	28,6	96,3	62,5	32,5
	<b>Partic. %</b>	87,5	54,7	92,9	56,3		
<b>Manufatura dos</b>	<b>Valor*</b>	2,6	55,5	2,2	68,9	-15,4	24,1
	<b>Partic. %</b>	12,5	41,8	7,1	40,3		
<b>Total de Exportações*</b>		20,2	132,8	30,8	171,1	52,5	29,4

\*Bilhões de dólares

Fonte: OMC. 2012, Tabela A20

A Tabela 10 inclui dados da última década que confirmam, primeiro, que a tendência no sentido da *primarização* das exportações regionais deve perdurar, e, segundo, que se trata não apenas de uma tendência mas de uma mudança substancial. Em 2001 o valor das exportações de insumos pelos países da América do Sul e América Central representaram 61% do valor total das exportações. Esse percentual aumentou para 71% em 2011. Essa tendência também pode ser verificada quando se trata de exportações regionais para a China. Nesse caso, o percentual dos insumos em relação ao total das exportações aumentou de 83% para 94% durante o período analisado.

Esse processo de *primarização* (ou de desindustrialização) da estrutura de exportação pode ser verificado mesmo no caso da maior economia da região—Brasil—país que conta com um setor industrial significativo. Assim como se observa na Tabela 8, o valor das exportações de bens primários do Brasil costumava representar 44% do valor total das exportações; em 2011 esse valor havia aumentado para

<sup>13</sup> Essa tendência é confirmada por diversos estudos. Por exemplo, em 2011 a Embaixada da Espanha em Brasília realizou uma análise que indica que "Comparando com 2009 a exportação de insumos aumentou 45,3% e representou 44,6% das exportações brasileiras. Por outro lado, as vendas de produtos semimanufaturados e manufaturados apresentaram aumento de 37,6% e 18,1%, respectivamente. Apesar da redução, a exportação de bens manufaturados representou 39,4% do total das exportações".

64%. No caso específico do perfil de exportações do Brasil para a China, também houve um aumento do percentual da exportação de bens primários que passaram de 72% para 93% do total.

**Tabela 8: Participação dos bens do setor primário\* nas exportações**

Ano	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
<b>AS+C→Mund</b>	61	60	60	61	62	64	66	68	68	69	71
<b>Brasil→Mund</b>	44	45	47	45	46	48	50	53	59	62	64
<b>AS+AC→China</b>	83	82	79	86	87	88	89	92	91	94	94
<b>Brasil→China</b>	72	75	66	78	79	84	85	89	87	93	93

\*Produtos agrícolas, combustíveis e minerais

AS+AC: América do Sul e América Central

Mund: Mundo

Fonte: <http://stat.wto.org/StatisticalProgram/WSDBViewData.aspx?Language=E>

Mesmo assim, esse processo de *primarização* não havia apresentado consequências negativas nas economias uma vez que nos últimos anos a demanda mundial por bens primários havia aumentado a tal ponto que os Termos de Comércio da região evoluíram significativamente. Como se pode observar na Tabela 9, entre 2000 e 2011 o índice de Termos de Comércio apresentou melhoria acumulada de 75%. Os dados referentes à evolução do preço das exportações indicam que a melhora dos Termos de Comércio não é resultado da queda dos preços das importações mas sim da notável melhoria no valor das exportações.

**Tabela 9: América Latina\* – Evolução dos preços das exportações e dos Termos de Comércio**

Ano	Índice dos preços de exportação	Índice de Termos Comerciais
2001	-8,2	-6,1
2002	-0,2	1,8
2003	8,5	5,5
2004	18,3	9,1
2005	17,4	9,5
2006	20,4	14,9
2007	10,8	4,9
2008	16,7	5,0
2009	-16,8	-8,2
2010	21,7	14,0
2011	20,8	9,7
<b>Termos de Comércio Acumulados</b>		<b>+ 75 %</b>

\*Considera os países que geram 93% do PIB regional (Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, México, Peru e Venezuela)

BID (<http://www.iadb.org/en/research-and-data/statistics-and-databases,3161.html>)

Apesar do impacto positivo do rápido crescimento econômico da China, da evolução positiva dos Termos de Comércio resultante da forte demanda chinesa por insumos encontrados na região e da tendência de aumento substancial de investimentos diretos provenientes da China é importante que questionemos quais são os perigos por trás dessa conjuntura. A redução sustentada na taxa de crescimento chinesa, ainda que pequena, teria um sério impacto sobre o valor das exportações latino-americanas. A região é

especialmente vulnerável em função do perfil de suas exportações, conforme mencionado acima, e da *primarização destas*<sup>14</sup>.

### **O Futuro da Economia Chinesa: O momento é de cautela?**

A globalização via China poderia estar a expor algumas realidades das economias latino-americanas que têm passado despercebidas em função da euforia das exportações absorvidas pelo gigante asiático. O custo da *primarização* poderia ser continuamente adiado caso a relação oferta/demanda mantivesse os preços altos. Porém, isso depende do futuro da economia chinesa. A CEPAL e a OCDE advertem que mesmo que o aumento do comércio da região com a China tenha sido um dos fatores coadjuvantes para a rápida recuperação das economias,... "[A intensificação desse relacionamento com a China torna a Região] mais vulnerável a uma possível desaceleração do crescimento chinês, decorrentes de uma menor demanda por produtos latino-americanos e com repercussão sobre os preços das matérias primas. Ambos fenômenos teriam um forte impacto sobre a economia de muitos dos países da região"<sup>15</sup>.

Talvez a economia chinesa já tenha iniciado esse processo de desaceleração. Segundo o New York Times a indústria chinesa sofre com um acúmulo de estoques sem precedentes. Aparentemente "as importações já foram interrompidas, especialmente as de matérias primas"<sup>16</sup>.

De qualquer forma, mesmo que esses perigos não existissem, as autoridades dos países da região, especialmente dos que mais foram beneficiados pela explosão nas exportações de insumos, deveriam se questionar sobre as consequências desse perfil de relacionamento comercial. Os aumentos em produtividade, essenciais para alcançar crescimento econômico, maiores níveis de empregos e melhores salários, têm estado vinculados ao desenvolvimento do setor industrial na maioria dos países do mundo. É verdade que países como Austrália e Nova Zelândia conseguiram se desenvolver com base em uma economia exportadora de insumos; porém, estes contaram com instituições partidárias do investimento e do risco e apresentam densidades populacionais muito baixas em relação às condições prevalentes na América Latina. Portanto, essa comparação—ou a que possa ser feita com as economias desérticas que exploram petróleo—é de pouca relevância para entendermos os perigos das estratégias de desenvolvimento focadas na exploração dos recursos naturais em países que apresentam pressões demográficas e níveis de urbanização tal que exijam uma atividade econômica diversificada, com intenso uso de mão de obra e de alto valor agregado.

### **Bibliografia**

Asian Development Bank (ADB), Inter-American Development Bank (IDB). 2012. *Shaping the Future of the Asia and the Pacific—Latin America and the Caribbean Relationship*. Manila and Washington DC.

---

<sup>14</sup> "O aumento tem sido claramente dominado por *commodities* ao invés de bens manufaturados, aprofundando o que tem sido desde os primórdios a marca do relacionamento dos países latino-americanos com os da Ásia e do Pacífico apesar das profundas mudanças estruturais ocorrendo em ambas regiões. Esse perfil comercial tem se traduzido em uma alta concentração de exportações pelos países latino-americanos de um pequeno número de *commodities* básicas: minério de ferro, cobre, soja, óleo, açúcar, celulose e aves; esses bens correspondem a 70% do total das exportações. Por sua vez, as exportações da Ásia-Pacífico incluem uma ampla gama de bens manufaturados, inclusive navios, automóveis, eletrônicos, equipamentos bem como peças e componentes. Além da localização geográfica e da concentração de produtos, e em grande por consequência disto, esse aumento tem sido marcado por alguns desequilíbrios comerciais, particularmente nos relacionamentos com o México e a América Central, países que não exportam *commodities*." Na publicação do Banco Asiático de Desenvolvimento (ADB) e do BID 2012, pág. xv. (2011), Kelly enfatiza o mesmo ponto ao afirmar que "O continente já provou ser terreno fértil para os insumos necessários para que a China mantenha seu crescimento: produtos agrícolas da Argentina, o cobre do Chile, o minério de ferro do Brasil e o zinco do Peru. Em 2010 os negócios chineses com a América Latina ultrapassaram 100 bilhões de dólares. Esse crescente influxo de capital chinês foi considerado importante para que os países da América Latina enfrentassem a crise financeira e ampliassem seu acesso aos mercados globais. Beijing contingenciou bilhões de dólares para investir em infraestrutura, transporte, energia e defesa em todo o continente, política alinhada à reformada estratégia de comércio exterior que tem vendido aos países desenvolvidos como forma alternativa de acabar com a pobreza... A determinação da China de aproveitar o poder de compra da classe média emergente da América Latina, inundando os mercados locais com produtos chineses baratos, poderá também afetar o crescimento da indústria doméstica, muitas vezes vital para criar empregos locais e oportunidades de renda para reduzir a pobreza"

<sup>15</sup> CEPAL e OECD 2012, pág. 10

<sup>16</sup> New York Times, 24 de agosto de 2012



<http://www.adb.org/sites/default/files/pub/2012/shaping-future-asia-lac.pdf>.

Busso, Matías, Lucía Madrigal and Carmen Pagés. 2012. "Productivity and Resource Misallocation in Latin America", *Working Paper Series No. IDB-WP-306*, Interamerican Development Bank, Washington DC

(<http://idbdocs.iadb.org/wsdocs/getdocument.aspx?docnum=36816832>)

CEPAL. 2011. *Balance Preliminar de las Economías de América Latina y el Caribe*, Santiago, Chile.

CEPAL. 2012. "La reacción de los gobiernos de las Américas frente a la crisis internacional: Seguimiento de las medidas de política, actualización al 31 de diciembre de 2011" (Versión preliminar)

CEPAL & OECD. 2011. *Perspectivas Económicas de América Latina 2012: Transformación del Estado para el Desarrollo*, OECD Publishing.

(<http://dx.doi.org/10.1787/leo-2012-es>).

CEPAL & OIT. 2011. "Políticas Anticíclicas para una Recuperación Sostenida del Empleo", *Coyuntura Laboral en América Latina y el Caribe*, No 5

Cesa-Bianchi, Ambrogio, M. Hashem Pesaran Alessandro Rebucci and TengTeng Xu. 2011. "China's Emergence in the World Economy and Business Cycles in Latin America", Working paper Series No. IDB-WP-266, Interamerican Development Bank, Washington DC.

(<http://idbdocs.iadb.org/wsdocs/getdocument.aspx?docnum=36397788>)

Didier, T, Constantino Hevia y Sergio Schmukler. 2011. "Emerging Market Resilience", *Vox*, 9 August.

(<http://www.voxeu.org/article/resilience-emerging-markets-during-global-crisis>)

Eichengreen, Barry, Donghyun Park and Kwanho Shin. 2011. "When Fast Growing Economies Slow Down: International Evidence and Implications for China", *NBER Working Paper Series No 16919*.

Embajada de España en Brasilia. 2011. *Estructura Económica Brasil*. Oficina Económica y Comercial, p.17.

(<http://www.oficinascomerciales.es/icex/cma/contentTypes/common/records/mostrarDocumento/?doc=4132306>)

IDB. 2010. "Ten Years After the Take-off: Taking Stock of China-Latin America and the Caribbean Economic Relations", Interamerican Development Bank, Washington DC,

(<http://idbdocs.iadb.org/wsdocs/getdocument.aspx?docnum=35410652>)

InterAmerican Dialogue. 2012. "Is Latin America Ready for the Next Decade?", XV Annual CAF Conference, Washington DC.

Kelly, Annie. 2011. "Who really benefits from China's trade with Latin America?" *The Guardian* 16 February, London.

(<http://www.guardian.co.uk/global-development/poverty-matters/2011/feb/16/china-latin-america-trade-benefit?INTCMP=SRCH>)

Koleski, Katherine. 2011. "Backgrounder: China in Latin America", *U.S.-China Economic & Security Review Commission*, USA Government, May 27, Washington DC

([http://www.uscc.gov/Backgrounder\\_China\\_in\\_Latin\\_America.pdf](http://www.uscc.gov/Backgrounder_China_in_Latin_America.pdf))

Kuroda, Haruhiko and Luis Alberto Moreno. 2012. "From galleons to globalization", *China Daily*, 17 agosto.

([http://www.chinadaily.com.cn/cndy/2012-05/04/content\\_15204722.htm](http://www.chinadaily.com.cn/cndy/2012-05/04/content_15204722.htm))

Lusting, Nora. 2012. "Taxes, Transfers and Income Redistribution in Latin America", *Inequality in Focus* (World Bank), Volume 1, No 2

Myers, Margaret. 2012. "Comparing Chinese and Indian Engagement in Latin America", *Foreign Policy Research Center*, New Delhi, India, July 9

New York Times 2012, 24 agosto

([http://www.nytimes.com/2012/08/24/business/global/chinas-economy-besieged-by-buildup-of-unsold-goods.html?\\_r=1&nl=todaysheadlines&emc=edit\\_th\\_20120824](http://www.nytimes.com/2012/08/24/business/global/chinas-economy-besieged-by-buildup-of-unsold-goods.html?_r=1&nl=todaysheadlines&emc=edit_th_20120824))

Rodriguez-Mendoza, Miguel. 2011. "Inter-American Trade and Investment Relations: The Last Decade", in *A Decade of Change. Political, Economic and Social Developments in Western Hemispheric Affairs*. Interamerican Dialogue, Washington DC.

Santiso, Javier. 2007. "El impacto de China en América Latina", AmerSur, Noviembre

(<http://www.amersur.org.ar/Pollnt/Santiso0711.htm>)

SELA. 2012. "El actual panorama económico mundial y sus implicaciones para América Latina y el Caribe", *Notas Estratégicas*, No 1 Febrero.

World Trade Organization. 2012. International Trade Statistics. Appendix Tables.

([http://www.wto.org/english/res\\_e/statis\\_e/its2011\\_e/its11\\_appendix\\_e.htm](http://www.wto.org/english/res_e/statis_e/its2011_e/its11_appendix_e.htm))